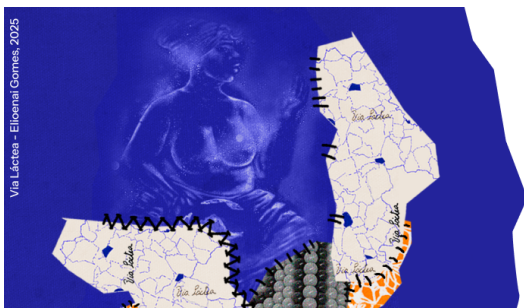




DESAPRENDER PARA REAPRENDER: PRIMEIRA EXPERIÊNCIA COM ESTÁGIO

UNLEARNING TO RELEARN: FIRST INTERNSHIP EXPERIENCE

Fernanda Galindo de Oliveira¹ - UEMS

Laís Rodrigues Leal Marques² - UEMS

Dyogo Ramon³ - UEMS/ UFBA

Resumo: Este artigo apresenta os aspectos *experivivenciados*⁴ na primeira regência de estágio de duas acadêmicas de Teatro em Licenciatura da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) da Unidade Universitária de Campo Grande (UCCG). Dedicados ao começo da infância, o artigo traz em foco, as aulas conduzidas a estudantes da Educação Infantil, especificamente duas turmas do Grupo 5, estudantes com 5 anos de idade da Escola Municipal Antônio José Paniago. Conduzidas com base na sensibilidade, criação e interpretação de diferentes manifestações artísticas, as aulas tratadas nesta pesquisa trazem em ênfase a linguagem das artes cênicas em sala de aula. Assim, o documento traz registros, reflexões e imagens que ilustram e aprofundam o processo vivenciado durante essa experiência, visando as didáticas absorvidas e desenvolvidas dentro dos conhecimentos das acadêmicas, mas também baseado nas informações adquiridas ao longo do processo de observação do próprio estágio.

Palavras-chave: Expressão Corporal; Arte-Educação; Educação Sensível; Educação Infantil; Estágio Curricular Obrigatório.

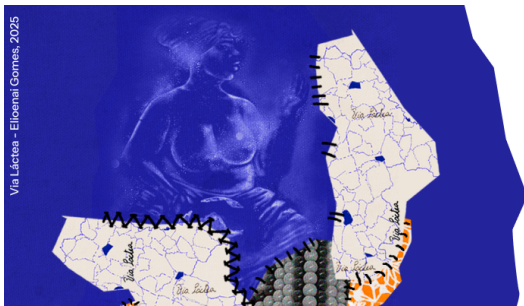
Abstract: Abstract: This article presents the aspects experienced in the first internship conducting of two Theater students in Bachelor's degree at the State University of Mato Grosso do Sul (UEMS) of the Campo Grande University Unit (UCCG). Dedicated to the beginning of childhood, the article brings into focus the classes conducted for Early Childhood Education students, specifically two classes from Group 5, 5-year-old students at Escola Municipal Antônio José Paniago. Conducted with a focus on sensitivity, creation and interpretation of different artistic manifestations, the classes covered in this research emphasize the language of performing arts in the classroom. Thus, the document brings records, reflections and images that illustrate and deepen the process experienced during this experience, aiming at the didactics absorbed and developed within the knowledge of the academics, but also based on the information acquired throughout the observation process of the internship itself.

¹ Discente do curso de licenciatura em Teatro da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5185553420399193>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-1255-4645>.

² Discente do curso de licenciatura em Teatro da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8711917013313568>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-5434-8237>.

³ Ator e diretor teatral. É professor substituto no curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). É doutorando em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), mestre em Artes da Cena pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e graduado em Teatro pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2040093497583868>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5066-8223>.

⁴ Termo que se refere a experivivenciar - experienciar e vivenciar - utilizado pelo professor Doutor Marcos Antônio Bessa-Oliveira (2021) nas aulas de *Arte-Educação* dos cursos de Teatro e Dança da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, unidade Campo Grande.



Keywords: Body Expression; Art-Education; Sensitive Education; Early Childhood Education; Mandatory Curricular Internship.

ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO EM TEATRO

"Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo,
os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo"
Paulo Freire

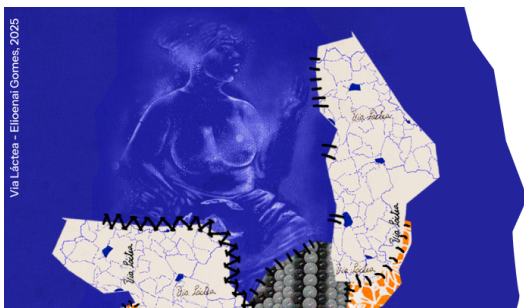
O presente artigo traz como foco as experiências e reflexões adquiridas, entre 25 de março e 7 de maio de 2025, no processo de observação e regência das acadêmicas do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), proporcionadas na componente curricular Estágio Curricular Supervisionado em Teatro I (ECS I), sob orientação do mestre Dyogo Ramon, professor supervisor⁵ do componente.

Este primeiro contato com a sala de aula se dá na Educação Infantil, na Escola Municipal Antônio José Paniago, localizada no bairro Rita Vieira, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, com o apoio da professora co-formadora⁶, Adeline Silva Barreto Souza, formada em Artes Cênicas. Atuando na disciplina curricular 'Arte', promovida aos alunos do Grupo 5 (G5), crianças na faixa de 4 a 5 anos das turmas G5 A e G5 B, as acadêmicas puderam trabalhar com as diversas linguagens da área da Arte (música, artes visuais, teatro e dança) em sala de aula, seguindo como exemplo, a prática docente da professora regente da turma.

Devido ao plano de ensino passado pela professora regente, as aulas de arte do grupo 5, naquele bimestre (maio e junho), encontrava-se em foco, a linguagem do Teatro, seguindo como referência o livro do *Monstro das Cores* de Anna Llenas

⁵ A função do professor supervisor de estágio é acompanhar, orientar e avaliar o estudante no seu processo de formação profissional dentro do ambiente de estágio, garantindo a articulação entre a teoria aprendida na universidade e a prática desenvolvida na instituição concedente. Ele auxilia o estagiário a entender a estrutura da organização, a delimitar suas tarefas, a desenvolver a autonomia profissional e a lidar com as inseguranças, promovendo uma aprendizagem significativa e alinhada com as diretrizes curriculares.

⁶ A professora co-formadora no estágio tem a função de orientar, acompanhar e avaliar o estagiário, proporcionando um ambiente de reflexão e aprendizado para que ele se desenvolva profissionalmente e incorpore os saberes práticos da docência, contribuindo para sua futura identidade profissional.



(2018), produção que aborda a regulação emocional de forma lúdica. Dessa maneira, naquele período, as aulas foram planejadas para trabalhar com expressões, sentimentos e criatividade, e, assim puderam ser desenvolvidas, no momento de regências das acadêmicas, atividades que trabalhavam de forma processual e gradual, o desenvolvimento da expressão corporal nas crianças.

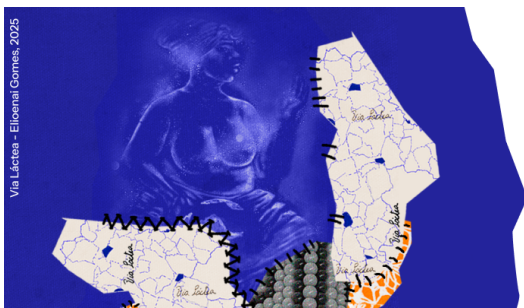
Assim, o artigo registra um acúmulo entre as reflexões produzidas neste processo com os estudantes da Educação Infantil, e o que as acadêmicas puderam trabalhar na troca de conhecimento dada em sala de aula. Como referência, trabalhou-se com os autores: Paulo Freire (1987), Ana Mae Barbosa (1990), Ingrid Koudela (2006), Augusto Boal (2007), Viola Spolin (2008), Rafaela Rodrigues (2017), Anna Llenas (2018), Patrícia Ragazzon (2018), e Marcos Antônio Bessa-Oliveira (2021).

DESENVOLVENDO EXPERIÊNCIAS

O processo de observação e regência das discentes de licenciatura em teatro, no Grupo 5 da Educação Infantil, vivenciadas durante as aulas na escola, ocorreu em seis etapas, que estão descritas neste artigo: 1 - *Fase de observação* - período em que as discentes observaram as aulas conduzidas pela professora regente; 2 - *Primeira aula: Aprendendo as emoções* - trata da primeira aula de regência; 3 - *Segunda aula: Meu próprio monstro* - continuação do processo de regência; 4 - *Terceira aula: Vestindo emoções* - continuação do processo de regência; 5 - *Quarta aula: Bichos se expressam?* - continuação do processo de regência; e 6 - *Quinta aula: Parando o tempo* - continuação e encerramento do processo de regência.

Por conta dos relatos abordarem o processo vivenciado, os tópicos trabalhados são conduzidos na 1ª pessoa do plural, a fim de aproximar mais o leitor das vivências relatadas pelas discentes.

1.1 AULAS

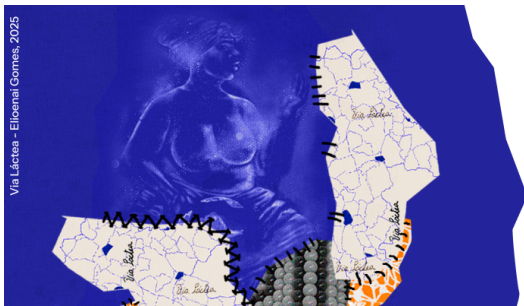


1 – Fase de observação:

A primeira experiência na observação no Grupo 5, tanto G5 A e G5B, se deu pela contação de história. Aprendemos com a professora co-formadora regente, a trabalhar em sala de aula o livro *O monstro das cores*, de Anna Llenas (2018), que conta a história de um monstro que acorda se sentindo confuso porque está experimentando várias emoções ao mesmo tempo — como alegria, tristeza, raiva, medo e calma — mas não consegue entender o que está sentindo. Com a ajuda de sua amiga, ele começa a identificar e organizar suas emoções, associando cada uma a uma cor diferente: Alegria – amarelo, Tristeza – azul, Raiva – vermelho, Medo – preto e Calma – verde. A partir do trabalho com o livro, poderíamos trabalhar com as crianças, processos de aprendizagem sobre expressão com seu próprio corpo, entendendo suas próprias emoções, e, podendo, de uma forma mais leve, compreender a auto regulação emocional. O processo de escuta dos estudantes seguiu de forma atenta, escutando cada palavra que a professora regente trazia.

Na segunda semana de observação, a professora trouxe à sala de aula novamente a contação da história, mas, dessa vez, com fantoches do *Monstro*, personagem do livro. Na primeira turma do dia, a turma G5 A, a dinâmica da aula funcionou como o esperado, as crianças, escutaram novamente a história para relembrar e realizaram uma dinâmica criativa, onde se dividiram em grupos e desfrutaram de um rodízio com diversas atividades. Entre elas, um grupo brincou com os fantoches, outro, com bonecos do monstro, mais um, desenhou a história e, por fim, um grupo brincou com massinhas de modelar. Pelo que observamos, os alunos que iam experimentando o teatro de fantoches, ou a brincadeira de fantoches, foram trazendo histórias com o monstro e explorando diferentes jeitos de falar, demonstrando as emoções do respectivo fantoche.

Já na segunda turma, G5 B, o plano de aula procedeu de outra maneira. As crianças haviam acabado de sair do recreio escolar e devido a euforia de brincar no intervalo, não conseguiam se concentrar para escutar a história. Nisso, a professora replanejou a aula, solicitando que os alunos desenhasssem o *Monstro* e escolhessem a emoção da história que mais gostaram. Essa mudança, nos fez refletir, o quanto é



necessário *desaprender para reaprender*⁷ num ambiente escolar, devido as surpresas que ocorrem nos planejamentos de aula por motivos diversos. A forma que a professora regente procedeu na situação, nos mostrou que a docência nos leva a caminhos que estaremos sempre desaprendendo e reaprendendo. Desaprender por conta de mudanças que ocorrem e reaprender, pensando em possibilidades outras. Dessa maneira, fomos pensando na estruturação das aulas das nossas regências seguindo esse pensamento.

2 – Primeira aula: Aprendendo as emoções

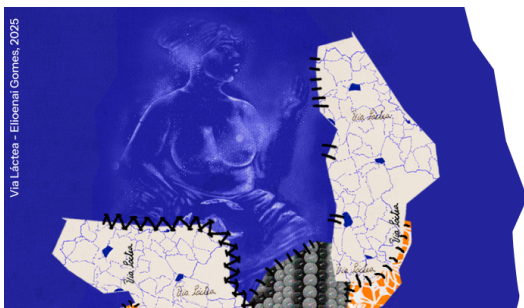
Em nossa primeira aula de regência, achamos que seria interessante continuar o trabalho com o livro *Monstro das Cores* e a linguagem do Teatro, por conta de ser uma possibilidade para se trabalhar a expressão corporal com as crianças de cinco anos. Pois, como reforça Ragazzon (2018, p. 37):

Tudo começa pelo corpo. Todas as sensações e impressões. Impressão não é algo etéreo, como muitos podem pensar, não é vago. É algo impresso, uma marca percebida pelo corpo em sua inserção no espaço e em contato com os outros corpos.

Assim, na nossa primeira regência, utilizando da história do livro, retomamos as emoções por meio de jogos teatrais, inspirados no livro da autora Viola Spolin (2007), e trabalhamos exercícios criativos com as turmas do G5. Antes dos alunos adentrarem a sala, colocamos no chão, fitas adesivas coloridas, demarcando o espaço que os alunos poderiam utilizar para realizar quaisquer ações e comandos que encaminhamos durante a aula. No primeiro momento, quando as crianças adentraram a sala, logo perguntaram a nós se iríamos brincar. Respondemos que sim, mas de um jeito diferente.

Pedimos para que sentassem nas mesas que estavam afastadas por conta das fitas e relembramos a leitura, pedindo para que os alunos falassem das emoções presentes na história e como era descrito os adjetivos que representavam

⁷ Termo utilizado pelo professor doutor Marcos Antônio Bessa-Oliveira (2021) nas aulas de *Arte-Educação* nos cursos de Teatro e Dança da UEMS, da UUCG, onde traz o entendimento de que a docência é um ato de desaprender para reaprender, destacando a importância de uma educação sensível que se remonta a fim de construir um ambiente que traga acolhimento para o fazer artístico entre os estudantes.



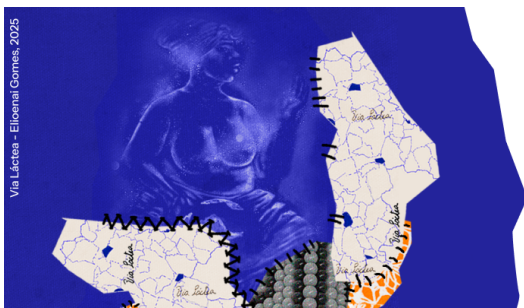
essas emoções. “Qual era a cor do medo?” e “O que o *Monstro* sentia quando estava com medo?”. E, terminando a recapitulação, pedimos para que se levantassem para participarem de jogos teatrais.

Separamos as turmas em dois grupos devido a quantidade de crianças presentes e logo iniciamos os jogos. O primeiro jogo envolvia o *Caminhando pelo Espaço*, exercício em que pedimos aos alunos, para simplesmente caminharem, imaginando que estavam pintando a sala por onde passavam. O segundo momento de jogo envolvia novamente o caminhar, porém, com determinada emoção. Como perguntas disparadoras, fomos introduzindo às crianças: “Como que corre com essa emoção?”; “Como seu corpo se movimenta com essa emoção?”; e “ Como fica seu rosto quando sente isso?”. Em uma das turmas houve um grupo que independente da emoção, sempre corriam gritando o que os deixavam agitados; já na outra, os estudantes foram conduzindo o corpo para diferentes formas de reação às emoções (entortando o corpo, curvando, expandindo, e por aí vai) e realizando caretas uns para os outros. Devido ao tempo da aula, finalizamos os jogos e, assim, pedimos para que organizassem as mesas em seus lugares.

De maneira geral, sentimos que o início do processo da regência estava sendo produtivo e divertido para as crianças, apesar de uma das turmas não ter explorado tanto as emoções por estarem muito agitados, puderam extravasar. E na outra, puderam ser criativos e experimentaram um jeito novo de brincar com as emoções.

Figura 1 – Correr também expressa (sentimentos): Crianças correndo pela sala





Fonte: Própria dos autores, 2025.

3 – Segunda aula: Meu próprio monstro

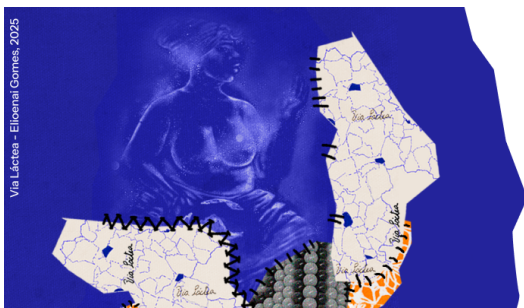
Na segunda aula, solicitamos aos alunos que desenhassem o seu próprio *Monstro das Cores*, pensando em como poderiam trabalhar sua imaginação, pois como traz Rodrigues (2017, 117):

A arte-educação pretende utilizar a arte no processo de formação humana para dar sentido ao sentir e a percepção de mundo do ser, utilizando-se das emoções e referências simbólicas (cultura, memória, criatividade) do indivíduo. Com isto pretende educar respeitando a cultura herdada e acrescentando conhecimento a fim de dar instrumentos ao aluno para que ele venha desenvolver uma capacidade intelectual para saber ser crítico dentro desta mesma cultura.

Dessa maneira, a partir da própria criatividade, da própria *experivivência*, os alunos desenvolveram seu monstro. Percebemos que o processo da atividade foi muito instigante aos alunos, pois eles ficavam mostrando uns para os outros como estava ficando e passavam em nossas mesas para perguntar o que estávamos achando do desenho. Após essa dinâmica, formamos uma roda com os alunos para que cada aluno individualmente tivesse a oportunidade de representar corporalmente o seu monstro, mostrando os tipos de andar, de se mexer e assim por diante. Algumas crianças ainda estavam tímidas e outras mais desenvoltas, o que foi muito interessante pois verificamos como o desenho se assemelhava (ou não) ao que a criança expressou fisicamente.

Figura 2 – Aula de Arte (salva): Acadêmica e aluna fazendo gestos teatrais





Fonte: Própria dos autores, 2025.

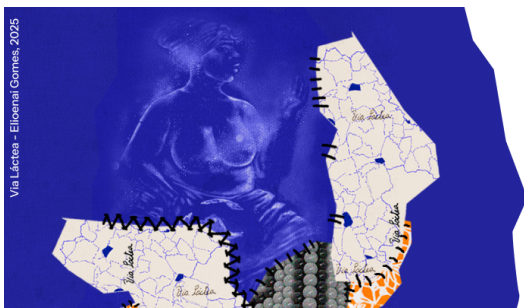
4 - Terceira aula: Vestindo emoções

Na terceira aula, continuamos o trabalho da expressão corporal e criatividade por meio de uma didática mais compreensível para as crianças. Levamos acessórios para que eles, os utilizassem como figurinos. Entre os objetos, tínhamos chapéus, cachecóis, toucas, casacos, tecidos e tiaras. A primeira vista, esses materiais chamaram a atenção de todos da sala. Para um melhor funcionamento da aula, aproveitamos que eles estavam divididos em mesas com quatro crianças e fizemos um sistema de rodízio com os objetos. Cada mesa continha quatro figurinos para cada aluno dividir entre si. Após alguns minutos, trocávamos os objetos das mesas para que todos conseguissem brincar.

A aula foi uma verdadeira festa na perspectiva das crianças e ao nosso olhar, foi a aula que as crianças mais gostaram e se divertiram durante o processo de estágio. Percebemos como desenvolver a imaginação de todos, trouxe aproximação entre as crianças. Uns mostravam para os outros o que estavam imaginando ao usar tal adereço, quais personagens eram e qual história criavam para cada objeto.

Figura 3 – “Olha, prof! Eu sou uma múmia!”: Aluno fazendo gestos e vestindo uma máscara no rosto





Fonte: Própria dos autores, 2025.

Figura 4 – Conexão (gera conexão): Alunos dividindo uma touca de panda

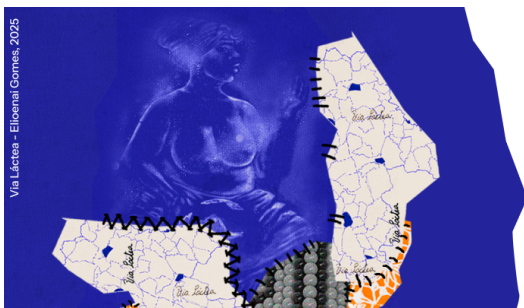


Fonte: Própria dos autores, 2025.

5 - Quarta aula: Bichos se expressam?

Na penúltima aula iniciamos um distanciamento do *Monstro das Cores*, mas sem perder completamente a essência das emoções que trabalhamos nas aulas anteriores. Para essa nova dinâmica, apresentamos às crianças a música *A ciranda dos bichos* da dupla musical *Palavra Cantada* (1994), em que a canção traz uma dança para cada animal, sendo eles: *Jacaré*, *Cascavel*, *Caranguejo*, *Peixe Boi* e o *Tuiuiú*.

Dessa maneira, os estudantes observaram e escolheram algum desses animais para desenhar e melhor registrar na imaginação, mas sempre utilizando de perguntas norteadoras para entenderem a dinâmica, portanto, questionávamos: “Como bicho se mexe?”; “Animal tem emoção?”; e “Como esse animal dançava?”. Tivemos tanto respostas de afirmação negativa quanto positiva das duas primeiras perguntas, e na terceira alguns descreviam como o animal dançava no clipe e outros mostravam com o próprio corpo para todos da turma.



Percebemos que certas perguntas acabaram sendo difíceis para interpretação dos alunos, então conduzimos a prática teatral para gestos que os animais faziam no clipe da música. Apresentar cenicamente, no corpo, para a turma, os deixaram tímidos, e percebemos que eles copiavam uns aos outros, mas mesmo assim, foi um exercício corporal para a imaginação das crianças.

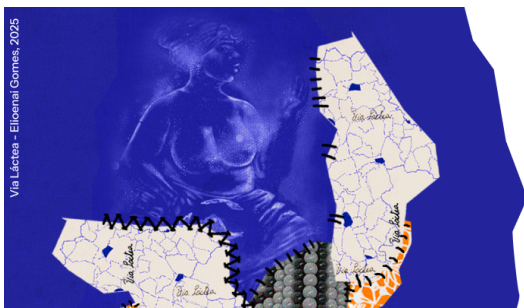
Figura 5 – Arte Educação (é um ato de resistência):
Acadêmica mostrando o clipe da música “Ciranda dos Bichos” a alunos



Fonte: Própria dos autores, 2025.

6 - Quinta aula: Parando o tempo

Na quinta e última aula, fizemos uma adaptação da brincadeira *Estátua*, processo em que, novamente, colocamos a música *Ciranda dos Bichos*. Toda vez que a canção era pausada, os alunos paravam em gestos que recordavam os animais. Então, antes da dinâmica começar, solicitamos uma roda para que de três em três alunos – que ficavam dentro da roda –, escolhessem um animal para representar quando a música parasse de tocar.



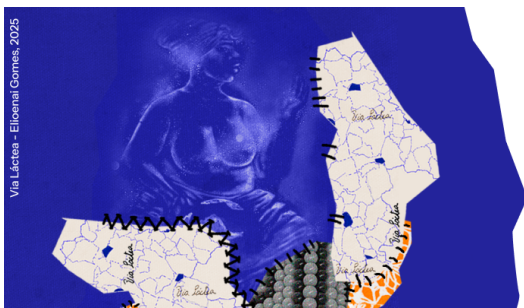
O diagnóstico sobre essa aula, foi que alguns alunos estavam dispostos e felizes em participar da brincadeira, outros, porém, estavam retraídos e mesmo com muita conversa e incentivo por parte de nós, não queriam integrar o exercício. Mesmo com essa mudança em nosso plano de aula, procedemos de uma maneira outra, solicitamos que voltassem as mesas e então desenhasssem o animal que fizeram e apresentaram à turma. Esse modo de utilizar a arte visual, facilitava como um recurso na nossa aula de arte, pois os alunos tinham um registro do que faziam em nossas atividades.

Nesse mesmo dia informamos aos alunos que essa era nossa última aula, o que foi um grande choque para alguns. Em uma das turmas, tiveram dois alunos que choraram por falarem que vão sentir saudade. Por isso, recordamos o título *desaprender para reaprender*, pois apesar de esperarmos reações opostas onde pensamos que as crianças não estivessem tão dispostas a se conectarrem a nós, estagiários, devido o tempo curto, ainda assim, os alunos nos ensinaram que para ensinar precisamos *desaprender e reaprender* a educação. Pensando em possibilidades outras de se fazer aula e possibilitando um ambiente que os incentive, como também produtores de arte, cultura e conhecimento mesmo que tendo a idade de 5 anos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como conclusão, consideramos essa experiência muito valiosa para nossa jornada como futuros docentes. Ter a possibilidade de *experivivenciar* o que aprendemos dentro da universidade de forma prática e encontrar todas as escolhas e desafios enfrentados em uma sala de aula é uma maneira de perceber essa perspectiva da docência no fazer docente da sala de aula.

Durante cada aula pudemos visualizar como a Arte/Educação segue sendo potencializadora, não somente para os discentes, mas também aos docentes como forma de (re)existir e continuar a Arte por onde quer que vá, seja na escola ou nos palcos. Portanto, aprendemos como reaprender o ensino de forma sensível com os



estudantes, resistindo como professores e artistas que (re)aprendem com o Teatro todos os dias.

REFERÊNCIAS

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. Arte-Educação descolonial: Formação de professor de Arte para um trabalho docente mediador. **Revista Educação** (Guarulhos), v. 16, p. 63-88, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17^a. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

LLENAS, Anna. **O monstro das cores**. Tradução de Rosana de Mont'Alverne. Ilustrações de Anna Llenas. Belo Horizonte: Aletria, 2018.

RAGAZZON, Patrícia Ávila. **Para além de nossas diferenças**: teatro, poéticas e deficiência intelectual. 2018. 86 f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) - Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

RODRIGUES, Rafaela Nathalia Larocca; SOUZA, Leonardo Jeronymo de; TREVISIO, Vanessa Cristina. Arte-educação: a relevância da arte no processo de ensino e aprendizagem. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade** (Bebedouro), v. 4, n. 1, p. 114–126, 2017.

SPOLIN, Viola. **Jogos teatrais na sala de aula: o livro do professor**. Tradução de Ingrid Dormien Koudela. São Paulo: Perspectiva, 2007.

SPOLIN, Viola. **Jogos teatrais: o fichário de Viola Spolin**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

PALAVRA CANTADA. **Ciranda dos Bichos**. In: Canções de Brincar. Intérprete: Palavra Cantada. São Paulo: Palavra Cantada Produções Artísticas Ltda., 1994. 1 CD.